

TOTALITARISMO SEM EXCEÇÃO: A IRRACIONALIDADE CAPITAL DA HUMANIDADE

Data de submissão: 04/11/2024

Data de aceite: 02/12/2024

Antonio Carlos da Silva

Investigador do Centro de Estudos Globais da Universidade Aberta (na linha de investigação “Literatura, Arte e Transculturalidade”. Articulista do jornal “A Tarde” e obstinado flâneur

Na escuridão, por detrás e por cima de nós, os oito doentes não perdiam uma sílaba, mesmo os que não percebiam francês. Apenas Sómoguyi se encarniçava em confirmar a sua entrega à morte. *Primo Levi. Se isto é um homem. 2020, p. 181.*

O terror da tirania chega ao fim depois de paralisar ou até eliminar por completo toda a vida pública e converter todos os cidadãos em indivíduos privados, tirando-lhes o interesse e a ligação com os assuntos públicos.

Hannah Arendt. Humanidade e terror. 2008, p. 321.

À noite, em volta do aquecimento, mais uma vez, Charles, Arthur e eu sentíamos que voltávamos a ser humanos. Podíamos falar de tudo. Apaixonava-me a conversa de Arthur sobre a maneira de passar os domingos em Provençhères, nos Vosgos, e Charles chegou quase a chorar quando lhe contei do armistício em Itália, do início confuso e desesperado da resistência dos *partigiani*, do homem que nos traíra e da nossa prisão na montanha.

TOTALITARISMO ABSOLUTO; MERCADO DE CLASSES

Na década de 1950, ainda sob os efeitos devastadores da 2ª. Grande Guerra sobre o sentido/sentimento de humanidade, a filósofa Hannah Arendt (1906/1975) publicou uma série de quatro artigos em que o tema totalitarismo assume o protagonismo do colapso anunciado: o fim da história. A questão-chave que permeia os ensaios supra é a preocupação da autora com a metamorfose (auto-induzida e, talvez, inconsciente) do ser humano em ser supérfluo na sociedade produtora de mercadorias¹. Um ser, portanto, destituído das particularidades que o tornam humano. Com destaque para

¹ Preocupação compartilhada por Günther Anders em seu livro “The outdatedness of Human Beings” (1956). Sendo

a liberdade e a espontaneidade.

Irei concentra-me no segundo artigo desta série, “Humanidade e Terror”² (1953), no qual o segundo substantivo do título é o fenômeno suscitado por Arendt para tentar compreender como a disseminação do medo fomenta a submissão e a perda das características humanas aludidas. Neste contexto, a autora busca interpretar o duplo sentido do terror, primeiro como instrumento empregado contra os seus opositores para consolidar as novas estruturas do poder - em que a violência revolucionária e/ou totalitária é legitimada por regras draconianas - para em seguida, aproveitando o esmorecer das qualidades humanas, substituir a violência por dispositivos de dominação mais condizentes com o estado de *banalidade do mal*³ que contamina os membros da sociedade produtora de mercadorias.

Nesta leitura sobre a reconfiguração do Estado os campos de concentração são a representação do poder/violência abordados por ela – esse despertar inequívoco de pesadelo transposto para a realidade. “O terror genuinamente totalitário aparece apenas quando o regime não tem mais inimigos a prender e torturar até a morte, e quando as várias classes de suspeitos foram eliminadas e não podem mais ficar sob “prisão preventiva”” (2008, p. 321).

A filósofa está implicitamente a suscitar para reflexão (teórica e histórica) as contradições do sistema de produção social do capital. Isto em conformidade com a lógica do valor, porque a eliminação de componentes indesejados da força produtiva acarreta a redução da capacidade de reprodução de riqueza abstrata. Assim, ao estimular o debate sobre a relação “humanidade/terror” - ciente de que a substância do valor é obtida por meio da força de trabalho humana – Arendt está a questionar a fragilidade sociológica na abordagem da luta de classes, visto a impossibilidade em realizar a revolução social se não houver alternativas para além do Estado e do Mercado submetidos aos ditames do capital⁴.

Não podemos afirmar categoricamente que a filósofa pretendia equacionar as categorias de fetichismo (na forma mercadoria e na forma dinheiro⁵) como o fenômeno

que, enquanto Arendt enfatiza o terror tirânico como base em seus estudos sobre o fenômeno do nazismo (sem olvidar a relevância do stalinismo no período entre guerras), o ensaísta alemão destaca o fenômeno nuclear como apocalipse da modernidade e, por conseguinte, da obsolescência do humano.

2 Estamos a utilizar a versão portuguesa presente no livro “Compreender: Formação, exílio e totalitarismo (Ensaios, 1930/1954)”, publicado em conjunto pela Companhia das Letras e a Editora da UFMG em 2008.

3 O conceito de “banalidade do mal”, como comumente se atribui, não foi elucidado por Arendt no livro “Eichmann em Jerusalém” (1963), de acordo com o exposto pela própria autora em 03 de outubro deste mesmo ano em carta para Mary McCarthy: “Minha “noção fundamental” de que Eichmann era um indivíduo comum não é tanto uma noção como a descrição fiel de um fenômeno. Estou segura de que podemos sacar numerosas conclusões de um fenômeno como este, sendo o mais geral o que eu obtive: “a banalidade do mal”. Talvez algum dia eu escreva sobre isso, e somente então abordarei a natureza do mal; mas, tenho uma certeza, teria cometido um grande equívoco se o tivesse abarcado no contexto deste informe”. (ARENDDT, 2006, p. 247) Grifo meu.

4 Como poderemos inferir através de uma dialética leitura do “Fausto” (2003) de Goethe. A máquina de destruição capitalista, por meio do Progresso, é o próprio capital. Restando, à massa de despossuídos, a dissolução em dispositivos/engrenagens passíveis de substituição.

5 Consoante o grupo EXIT! que concentra estudos na teoria do valor e na teoria do valor dissociação para auxiliar na compreensão das contradições geradas pela crise estrutural do capital e suas idiossincráticas categorias (mercado, dinheiro, valor, trabalho, justiça, sujeitos). Com destaque para os ensaios de Robert Kurz e Roswitha Scholz.

central da dominação em um sistema que o sujeito perde sua relevância para o processo de criação de riqueza⁶.

No interior do sistema produtor de mercadorias, só há a diferença quantitativa da riqueza abstrata, que, se existencialmente toca na questão da sobrevivência, não obstante permanece estéril em termos emancipadores. (KURZ, 2004, p. 8)

Ao enfatizar o *pathos* dos campos de concentração, Arendt está a apresentar um contributo à crítica do Progresso (científico, econômico e técnico) que, no processo de manutenção sistemática de valorização⁷, se sobrepõe a questão social. Por conseguinte, longe de fomentar a paz (no sentido kantiano de perpetuidade), ainda se torna um obstáculo para o desenvolvimento histórico ao ser um fim em si mesmo.

Disso decorre o outro fator central, a saber, que a paz sepulcral que se espalha pela terra sob a pura tirania ou sob o governo despótico das revoluções vitoriosas, e durante a qual o país pode se recuperar, nunca é concedida a um país de governo totalitário. O terror não tem fim, e por questão de princípio com tais regimes não pode haver paz. (ARENDR, 2008, p. 322)

Esta irracionalidade, consoante os teóricos da crítica do valor, é condição *sine qua non* para fomentar a mercantilização de todos os aspectos da vida e, cada vez mais, aprofundar o poço em que as pessoas são absorvidas pelo fetichismo do capital. Isto porque tal absurdo sistêmico obstrui, no tempo e no espaço, uma séria reflexão sobre o propósito do trabalho na estrutura de dominação vigente. Quanto mais inconscientes as forças produtivas estiverem em relação à finalidade daquilo que realizam, menos consciência elas terão de seu poder para transformar as condições sociais impostas para degradar sutilmente a humanidade.

Em um dos mais conhecidos relatos sobre os campos de concentração, “Se isto um homem” (Primo Levi, 1953), o paradoxo do trabalho já está enunciado em prosa e verso para alertar sobre a tentação que o terror inspira em mentes destituídas daquele compromisso ético que vínculo o Eu aos Outros. Que corrompe a existência de “seres humanos” marcados como mercadorias de baixo valor e qualidade, portanto, que podem ser explorados até a exaustão, até o fim.

Foi uma sorte para mim ter sido deportado para Auschwitz só em 1944, isto é, depois de o governo alemão, devido à crescente escassez de mão-de-obra, ter decidido prolongar a vida dos prisioneiros a eliminar, concedendo sensíveis melhorias nas condições de vida e suspendendo temporariamente as execuções individuais arbitrárias. (LEVI, 2020, p. 9) Grifo meu.

A viagem não durou mais de vinte minutos. Depois, o caminhão parou, viu-se uma grande porta, encimada por umas palavras fortemente iluminadas (a

6 Na sociedade produtora de mercadorias a valorização do valor é o seu sujeito automático. Ver em “Ler Marx: os textos mais importantes de Karl Marx para o século XXI” (2018), disponível em <https://www.marxists.org/portugues/kurz/2000/marx/index.htm>.

7 Tese sustentada pelos componentes do Instituto de Pesquisa Social de Frankfurt, em especial Theodor Adorno e Max Horkheimer. Para ampliar o debate é relevante consultar BENJAMIN, Walter. Instituto Alemão de Livre Pesquisa. In: O capitalismo como religião (tradução de Nélcio Schneider). São Paulo: Boitempo, 2013, pp. 145-157.

Para o escritor italiano, sobrevivente do Amarghedon em solo polonês, mesmo com o avançar das forças aliadas anunciando a derrota incontestável do exército alemão, não ocorreu uma tomada de consciência por parte dos nazistas daquilo que vincula os seres humanos entre si, ou qualquer restauração ética, mas a preocupação insana em manter os padrões de produtividade e eficiência em meio ao caos da guerra totalitária.

Esse livro é o produto de uma concepção de mundo levada às extremas consequências com rigorosa coerência: enquanto a concepção subsistir, as consequências ameaçam-nos. A história dos campos de extermínio deveria ser interpretada por todos como um sinal sinistro de perigo *iminente*. (Ibidem, p. 9) Grifo meu.

O totalitarismo, esse Janus moderno, fomenta a banalidade do mal e é anti-apocalíptico⁸ na essência. E, ao não permitir a renovação do tempo histórico (edificar/destruir/construir sob os escombros), absorve gradativamente as memórias em uma noite sem fim, frustrando a esperança de realização de uma nova aurora para emancipação. O élan que sustem a dignidade dos indivíduos é rompido, o que resulta na formatação de uma espécie distinta de gente, um ser acuado em seus próprios medos e incapaz de interação racional e cordial com os seus próprios pares. A metamorfose, no sentido kafkaniano, propriamente dita.

Nos campos de concentração aprendemos que tudo serve; o arame, para apertar os sapatos; os farrapos, para fazermos deles panos para os pés; o papel, para forrar o casaco (abusivamente) contra o frio. Aprendemos, por outro lado, que tudo pode ser roubado, ou melhor, é automaticamente roubado, mal a atenção diminui; e para o evitar tivemos de aprender a arte de dormir com a cabeça apoiada num embrulho feito com o casaco e contendo tudo o que possuímos, desde a marmita até os sapatos. (LEVI, 2020, p. 32).

Para salvaguardar essa anomalia (o êxito totalitário em contraposição ao fracasso humano) instituir o perpétuo *estado de exceção*⁹ torna-se regra geral de governação. Assim, ao definir a quem pertence o poder decisório (quem pode viver e quem deve morrer), o passo seguinte consiste em eliminar os vestígios daquilo que um dia pôde ser considerado humano através da despossessão - até o mais recôndito da alma - para daí germinar o que entendemos ser a quinta essência do Inferno na Terra: os campos de concentração, lugares em que as sementes da barbárie (ainda) estão a germinar a banalidade do mal.

Häftling: aprendi que sou um *Häftling*. O meu nome é 174.517; fomos batizados, guardaremos até a morte a marca tatuada no braço esquerdo. A operação foi levemente dolorosa e extraordinariamente rápida; puseram-nos todos em fila e, um a um, pela ordem alfabética dos nossos nomes, passamos

8 Estamos nos apropriando da definição elaborada por Günther Anders (2013) em que o regime totalitário ao se encerrar em si mesmo não possibilita a criação de alternativas possíveis para outro devir e, deste modo, a conscientização da obsolescência do humano sob os ditames do sistema social de produção do capital.

9 Em consonância com a Tese VIII de Walter Benjamin em "Sobre o conceito de História" (2020).

diante de hábil funcionário munido de uma espécie de punção com a agulha muito curta. Ao que parece, é esta a verdadeira iniciação; só “mostrando o número” se recebe o pão e a sopa. Foram precisos vários dias, e não poucos socos e bofetadas, para que nos habituássemos a mostrar o número prontamente (...) E durante muitos dias, sempre que o hábito dos dias livres me levava a procurar as horas no relógio de pulso, no seu lugar aparecia-me ironicamente o meu novo nome, o número bordado em sinais azulados debaixo da epiderme. (LEVI, 2020, pp. 26-27)

O contributo de Arendt apresenta uma sofisticada leitura de como o terror totalitário subverte o indivíduo através de uma política experimental de desumanização, controle de corpos e aniquilação de mentes que foi indubitavelmente levada a cabo com a proliferação dos campos de concentração (não apenas nazistas, mas sob o regime de Stálin, também soviético).

Os campos de concentração não erradicam apenas pessoas; também fomentam a monstruosa experiência, sob condições cientificamente rigorosas, de destruir a espontaneidade como elemento do comportamento humano e de transformar a pessoa em menos do que um animal, em um simples feixe de reações que, dadas as mesmas condições, sempre reagirá de maneira idêntica (ARENDR, 2008, p. 327)

O que não destoa da perdição da alma humana relatada por Primo Levi:

São poucos os homens que sabem enfrentar a morte com dignidade e, em muitos casos, não são aqueles que se esperava. Poucos sabem calar-se e respeitar o silêncio dos outros. O nosso sono inquieto era frequentemente interrompido por brigas barulhentas e fúteis, por imprecações, por pontapés e socos desferidos ao acaso como se fossem uma defesa contra contatos molestos e inevitáveis. Então, alguém acendia a lúgubre chama de uma vela, que permitia ver, prosternado no chão, um fervilhar fosco, uma massa humana confusa e contínua, tórpida e dorida, sacudida por inesperadas convulsões imediatamente apagadas pelo cansaço. (LEVI, 2020, p. 16)

Ao converter o corpo social em um todo homogêneo, o indivíduo passa a aceitar resignadamente às contradições de um sistema que - ao absorver sua espontaneidade e o classificar na forma mercadoria - está alinhado com a violência exercida contra todo e qualquer sentimento de humanidade.

Isso é o Inferno. Hoje, nos nossos dias, o Inferno deve ser assim, um local grande e vazio, e nós, cansados de estar de pé, com uma torneira a pingar água que não se pode beber, esperamos algo sem dúvida terrível e nada acontece e continua a não acontecer nada. Como pensar? Já não se pode pensar, é como estar já morto. Alguns se sentam no chão. O tempo passa gota após gota. (Op. Cit., p. 21)

Neste processo de instrumentalização do Ser em Nada, a violência perpetrada é isenta de culpa, pois não há qualquer vínculo entre a vítima e o agressor se a identificação ética e estética (particularidades humanas) for se desvanecendo até ser apenas uma rara lembrança de dias menos sombrios. “O terror totalitário já não é um meio para algum fim;

é a própria essência deste governo que paradoxalmente se desmantela a si mesmo". (ARENDT, 2008, p. 328) (Grifo meu). Disto decorre uma questão incontornável: como (re)definir a luta de classes e, por conseguinte, o processo emancipatório se a perda de espontaneidade/liberdade está a resultar na formação de seres passíveis e acriticamente submissos aos humores do Mercado?

Imagine-se agora um homem ao qual, juntamente com as pessoas amadas, tiram a casa, os hábitos, a roupa, enfim, tudo, literalmente tudo quanto possui: será um homem vazio, reduzido ao sofrimento e à carência, esquecido da dignidade e bom senso, pois acontece facilmente, a quem tudo perdeu, perder-se a si próprio; reduzido a tal ponto, que outros poderão sem problemas de consciência decidir sobre vida ou morte para além de qualquer sentido de afinidade humana; no caso mais optimista, na base de uma mera avaliação de utilidade. Compreender-se-á então o duplo significado da expressão "campo de extermínio" (LEVI, 2020, p. 26)

Para Arendt, esse processo de submissão sistêmica assume um papel ambíguo na compreensão do fenómeno da luta de classes na sociedade totalitária. A primeira impressão é a conformação ideológica do darwinismo social em que os representantes menos capacitados serão sumariamente excluídos do processo de produção/consumo que caracteriza o sistema capitalista.

Uma dezena de SS mantinha-se à distância, com ar indiferente, as pernas afastadas. A determinada altura, meteram-se entre nós e, em voz baixa, os rostos de pedra, começaram a interrogar-nos rapidamente, um a um. Não interrogavam a todos, só alguns. "Quantos anos? Saudável ou doente?", e conforme a resposta indicavam-nos duas direções diferentes (...) Hoje, todavia, sabemos que, naquela escolha rápida e sumária, avaliara-se se cada um de nós podia ou trabalhar utilmente para o *Reich*; sabemos que nos campos, respectivamente de Buna-Monowitz e Birkenau, só entraram, do nosso comboio, noventa e seis homens e vinte e nove mulheres e que de todos os outros, num total de quinhentos, nem um se encontrava vivo depois. (Op. Cit. p. 18).

Após leitura mais apurada do fenómeno da barbárie, iremos constatar que a redução dos elementos que compõem a força de trabalho terá como consequência a própria destruição sistêmica.

Se é uma lei da natureza eliminar tudo o que é nocivo e impróprio para a vida, uma política étnica-racial logicamente coerente não será bem servida por erradicações terroristas totais de certas raças e etnias, pois, se não surgirem novas categorias de vidas impróprias e parasitárias, será o fim da própria natureza (ou história?). (ARENDT, 2009, p. 329) Grifo meu.

A eliminação de um grupo por sua raiz étnico-racial, tal como aludida na propaganda nazista de subjugação de judeus (sem olvidar ciganos, afrodescendentes e toda a gente em contraposição à heteronormatividade), conduz ao colapso do próprio sistema, pois sem solucionar esse paradoxo do terror não haverá outra fonte de valorização independente da força produtiva que possa negligenciar a dialética da racionalização (eliminadora de

trabalho) e possa evitar as consequências escatológicas para criação de mais valia (mesmo com o aumento da produtividade).

A não ser que o projeto totalitário seja, para além da negação da liberdade e espontaneidade do indivíduo, o limiar de uma nova perspectiva para sanar a contradição-chave do processo de criação de valor: a força de trabalho como substância do capital. Se assim for, o totalitarismo não é passível de compreensão à luz de categorias políticas e critérios morais que o antecederam (tirantias e/ou ditaduras).

O problema com a sabedoria do passado é que ela se desfaz entre nossas mãos tão logo tentamos aplicá-la honestamente às experiências políticas centrais de nossa época. (p. 332)

E se ele for um princípio basilar para romper com os grilhões do fetichismo do valor na esfera da humanidade criada pelo próprio sistema de produção social na forma mercadoria?

Nesse sentido, a atividade de compreender é necessária; mesmo que nunca possa inspirar diretamente a luta ou oferecer outras metas, é a única que lhe pode conferir significado e gerar uma nova desenvoltura para o espírito humano, que talvez venha a surgir livremente após a vitória. (ARENDT, 2008, p. 333)

É a partir destas experiências teóricas que devemos iniciar o processo de compreensão do fenômeno totalitário, tendo em vista que a mesma não se esgota em si; tampouco se constitui em uma totalidade fechada se apreendermos neste percurso que determinados tópicos já cumpriram sua tarefa histórica¹⁰.

Se, como alude Kurz, “o valor não é nenhuma coisa econômica crua, mas ao contrário, a forma social total” (1997, p. 27), o movimento totalitário ao conduzir para o fim da história como a conhecemos pode, também, ser interpretado como a obsolescência programada do Humano (Anders, 2011) - o que exigirá esforços para compreensão do que significa a transição para outro tipo de *humanidade*. Não necessariamente como a conhecemos, mas de uma cepa de organismos em constante evolução frente à angústia do Prometeu pós-moderno.

DESPROLETARIZAÇÃO DA PRODUÇÃO: O FIM EM SI MESMO

Se nas primeiras décadas do século XX a temática da luta de classes estava concentrada em duas abordagens advindas do partido socialdemocrata alemão - entre Eduard Bernstein (1854/1938) e Karl Kaustky (1850/1932) -, passado um século a perspectiva marxista tradicional continua a desafiar nosso entendimento sobre quais os papéis a desempenhar no atual estágio do sistema de produção social do capital. Isto

¹⁰ Por exemplo, o socialismo de Estado ou o liberalismo de Mercado que estavam vinculados ao moderno sistema produtor de mercadorias – isto até a retumbante 3ª. Revolução Industrial, da microeletrônica, que desvelou as contradições imanentes do processo de criação de valor abstrato.

porque a desigualdade social, frente ao abismo que separa os ricos dos pobres, tem-se apresentada cada vez maior.

O 1% mais rico do mundo ficou com quase 2/3 de toda riqueza gerada desde 2020 - cerca de US\$ 42 trilhões -, seis vezes mais dinheiro que 90% da população global (7 bilhões de pessoas) conseguiu no mesmo período. E na última década, esse mesmo 1% ficou com cerca de metade de toda riqueza criada. Pela primeira vez em 30 anos, a riqueza extrema e a pobreza extrema cresceram simultaneamente (OXFAM, 2023).

Há um novo componente que não podemos negligenciar nesta análise. A pobreza não é mais resultante da exploração da força produtiva, mas da exclusão de elementos dispensáveis no processo de fetichização na forma dinheiro. Em outras palavras, a clássica separação entre a classe dos capitalistas e a classe operária torna-se insuficiente para entender o movimento do sistema após a erupção da 3ª. e 4ª. revoluções industriais (microeletrônica e nanotecnologia, no final dos anos 1970 e princípios do século XXI, respectivamente). Àqueles/las dispensáveis da derivação do processo produtivo em distribuição e circulação de capitais resta o reconhecimento como seres humanos não rentáveis, portanto, passíveis de exclusão do sistema e eliminação da Vida.

Trata-se de desempregados permanentes, de beneficiários de apoio social ou de prestadores de serviços baratos nos domínios do *outsourcing*, até chegar aos *empresários da miséria, vendedores de rua (os novos empreendedores)*. Essas formas de reprodução são, segundo critérios jurídicos, cada vez mais irregulares, inseguras e amiúde ilegais; a ocupação é irregular, e as *rendas rondam o limiar do mínimo necessário para a existência ou até caem abaixo disso*. (KURZ, 2004, p. 1)

A própria classe dos “proprietários do capital” também se torna algo difusa nesta “nova configuração” tecnológica do Mundo. Com o retumbante êxito do Progresso, os capitalistas mais se aproximam da cegueira do Fausto em consequência dos limites impostos pela valorização do valor. Situação que acentua a crise estrutural e desvela as contradições inerentes de um sistema que para se manter estimula o desenvolvimento de novas técnicas (inovação científica, técnica e econômica) e a insana concorrência por mais rentabilidade em um Mercado limitado territorialmente.

Na crise e através da crise, efetua-se mais uma vez uma mudança estrutural da sociedade capitalista, dissolvendo as situações sociais antigas, aparentemente claras. O cerne da crise consiste justamente em que as novas forças produtivas da microeletrônica derretem o trabalho e, com ele, a substância do próprio capital. Dada a redução cada vez maior da classe operária industrial, cria-se cada vez menos mais-valia real. O capital monetário foge rumo aos mercados financeiros especulativos, visto que os investimentos em novas fábricas se tornaram não-rentáveis. Enquanto partes crescentes da sociedade fora da produção pauperizam ou até caem na miséria, do outro lado se realiza tão-somente uma acumulação simulatória do capital por meio de bolhas financeiras. (Op. Cit., p.2)

O que nos atrai neste movimento histórico é o princípio de finitude. Explico-me,

se nos estudos de Marx sobre “A luta de classes em França” (1850), a impossibilidade de creditar nos dados disponíveis não impediu o crítico alemão de buscar apreender a situação econômica, política e social revolucionária - muito pelo contrário, pode confirmar algumas teses que compõem seu (ainda) valioso contributo à crítica da Economia Política - as incertezas que demarcam o atual campo histórico não podem ser um obstáculo intransponível para apreendermos o sentido de obsolescência do humano e, deste modo, da impossibilidade de emancipação.

Quando Marx empreendeu essa obra, a referida fonte de erros ainda era muito mais inevitável. Era pura e simplesmente impossível, durante o período revolucionário de 1848-1849, acompanhar as transformações econômicas que se efetuavam simultaneamente ou até manter uma visão geral delas. O mesmo se deu durante os primeiros meses do exílio em Londres, no outono e inverno de 1849-1850. Porém, foi justamente nesse período que Marx começou o trabalho. E, apesar dessas circunstâncias desfavoráveis, o conhecimento preciso que ele tinha tanto da situação econômica da França anterior à Revolução de Fevereiro quanto da história política desse país a partir desse evento permitiu-lhe apresentar uma descrição dos acontecimentos que revela o seu nexos interior de modo até hoje não igualado e que, mais tarde, passou com brilhantismo na prova a que o próprio Marx a submeteu. (MARX, 2012, p.10)

Uma condição-chave se mantém a mesma, quanto maiores as diferenças entre a pobreza e a riqueza, as distinções de ordem estrutural também desaparecem da estrutura de reprodução da sociedade capitalista. O almejado aburguesamento da população por meio do maior envolvimento das forças produtivas na atividade política, além da aparente geração de uma classe média responsável pela estabilidade do sistema - consoante a perspectiva aristotélica - se revelou uma tragédia do crescimento econômico sustentável frente ao desenvolvimento do Progresso e inconseqüente racionalização eliminadora de trabalho humano.

Com o desabamento da nova economia, até mesmo as qualificações de muitos especialistas “high-tech” se viram desvalorizadas. Hoje não se pode mais ignorar que a ascensão da nova classe média não tinha uma base capitalista autônoma; pelo contrário, ela dependia da redistribuição social da mais-valia oriunda dos setores industriais. À medida que a produção social real de mais-valia entra em uma crise estrutural devido à terceira revolução industrial, os âmbitos secundários da nova classe média vão sendo sucessivamente privados de sua base de sustentação.

O resultado não é somente um desemprego crescente de acadêmicos. A privatização e o outsourcing desvalorizam o «capital humano» das qualificações inclusive no interior do emprego e degrada o seu status. Intelectuais pagos ao dia, trabalhadores baratos e empresários da miséria na figura de **freelancers** em mídias, universidades privadas, escritórios de advogados ou clínicas privadas não são mais exceções, mas a regra. (KURZ, 2004, p. 5) Grifo meu.

Destarte, a questão de como criar mais-valia sem deteriorar a sua principal fonte de substância (a força produtiva humana) continua a ser a chave para sanar o paradoxo

da desproletarização da produção. Não obstante, poderá contrapor a dialética da barbárie manifesta na reprodução de mecanismos de exclusão e eliminação de seres humanos dispensáveis na lógica do valor?

Provavelmente não, pois o sistema de produção de mercadorias é regido pela lógica irracional da concorrência e da competitividade. Portanto, em total oposição à igualdade e participação política ativa nas decisões que interferem na realização de rentabilidade sistêmica e buscam priorizar a questão social. Destarte, não devemos negligenciar que o véu da ilusão democrática ao encobrir a nudez pudica do movimento totalitário deixa transparecer que o governo do povo e para o povo não pode permitir, em qualquer sentido operacional do termo, ser exercida pelo povo (HOBSBAWM, 2011).

A questão social, anteriormente *raison d'être* dos Estados, torna-se um empecilho para o modelo empresarial de governação que, apesar de não ser voltado diretamente para lucratividade, depende economicamente dos humores do Mercado para sustentação mínima das políticas direcionadas para cidadãos/ãs. Uma necessária digressão, em 2020, no decorrer da pandemia COVID 19, foi testada no limite a capacidade governamental em lidar com o caos generalizado em proporções sem precedentes. Enquanto isso, as distinções entre países emergentes, não emergentes e aqueles que compõem a Tríade¹¹ do poder (Estados Unidos, União Europeia e China/Japão) não deixaram margens à dúvida: sob os ditames do totalitarismo de mercado, o contingente de vidas vivíveis é reduzido ao mais baixo escalão existente.

É o que podemos constatar através da análise do Banco Mundial¹² sobre as consequências da crise (assolada pelo descontrole do vírus que se alastrou a partir da China) para manutenção das políticas públicas.

A pandemia de Covid-19 confrontou os países com uma vasta gama de riscos econômicos novos e crescentes, alguns dos quais talvez só se tornem aparentes com o tempo. Em uma situação ideal, os governos elaborariam políticas para abordar todas as áreas em que a pandemia revelou ou exacerbou fragilidades econômicas: estabilidade do setor financeiro, marco jurídico de insolvência para famílias e empresas, acesso ao crédito e sustentabilidade da dívida pública. No entanto, poucos governos (ou nenhum) dispõem de recursos e flexibilidade política para lidar com todos os desafios de uma só vez. Terão de identificar riscos que representam ameaças mais imediatas para uma recuperação equitativa em contexto específico e priorizar as respostas políticas de acordo com isso. (...) Os formuladores de políticas públicas também precisarão abordar os riscos econômicos globais que possam ameaçar uma recuperação robusta e equitativa. Um dos riscos é o ritmo desigual de recuperação das economias avançadas e emergentes. A recuperação mais rápida nas economias avançadas provavelmente precipitará um aumento nas taxas de juros globais, o que pressionará os mutuários por meio do aumento do custo do serviço da dívida interna,

11 EUA, União Europeia, Japão e sudeste asiático que concentram a quase totalidade da riqueza mundial gerada.

12 Ver capítulo 6 (Conclusão: prioridades de políticas públicas para recuperação) do Relatório de Desenvolvimento Mundial (TheWorld Bank, 2022). Disponível em <https://www.worldbank.org/pt/publication/wdr2022/brief/chapter-6-policy-priorities-for-the-recovery>.

O resultado desta equação - potencializada com a crise energética e ecológica advindas da insana prepotência mercadológica de valorização irrestrita da riqueza - é a amplitude do custo sistêmico que, tal como o movimento das marés, limpa das areias do tempo histórico o espaço de atuação política das gentes. Por conseguinte, fomenta o estado de exceção permanente e o crescimento do único complexo industrial capaz de se retroalimentar do caos sistêmico: o militar.

A necessidade em preservar o sistema - independente dos custos sociais envolvidos - induz ao mau funcionamento e a degeneração dos seus principais pilares. Uma espécie de doença autoimune que põe em causa o imperativo da valorização.

Nesta medida pode falar-se de uma pulsão de morte e bem dizer gnóstica do capital, que se manifesta tanto na lógica destrutiva da economia empresarial como nos potenciais de violência inerentes à concorrência. Como as contradições já não podem ser resolvidas num novo modelo de acumulação, esta pulsão de morte manifesta-se hoje de forma imediata em escala global. (KURZ, 2015, p. 49)

Nem em sua forma artificial a valorização financeira dos ativos pode interromper o colapso da valorização sem substância. Tampouco o Progresso pode manter-se como o agente de exclusão daqueles seres inutilizados pela racionalização do trabalho sem prejudicar o seu próprio desenvolvimento.

O capital torna-se "incapaz de explorar" na medida em que, à altura dos padrões de produtividade e rentabilidade irreversíveis por ele próprio produzidos, já não é possível uma reprodução alargada em termos econômicos reais (expansão da valorização). Esta "hiperacumulação estrutural" do capital mundial conduz, nas metrópoles, devido à aplicação da microeletrônica, a um desemprego estrutural, a capacidades excedentes em escala mundial e à fuga do capital monetário para a superestrutura financeira (conjuntura das bolhas financeiras). Na periferia, a falta de pujança econômica impede o reequipamento microeletrônico; mas isso apenas conduz a um colapso tanto mais rápido de economias nacionais e regiões mundiais inteiras, porque estas ficam tão aquém dos padrões da lógica do capital que a sua reprodução social é declarada "nula" pelo mercado mundial. (Op. Cit., pp. 40-41)

Digressões a parte, o que se configura neste "cenário idílico" - envolto nas brumas da guerra (aparentemente) sem fim - e que o estado de exceção simulado e os movimentos de migração (evasão forçada) assumem uma dinâmica nunca antes vista.

O ESTADO DE EXCEÇÃO CONSTANTE ACENTUA A DECOMPOSIÇÃO SOCIAL

A dinâmica - deslocamento violentamente imposto - é consequência do limite histórico do processo de valorização vigente em que as gentes são excluídas do processo de produção, consumo, distribuição e/ou circulação de mercadorias por perderem o privilégio de serem reconhecidos como humanos.

É verdade que o universalismo ocidental sugere o reconhecimento irrestrito de todos os indivíduos, em igual medida, como «seres humanos em geral», dotados dos célebres «direitos inalienáveis». Mas, ao mesmo tempo, é o mercado universal que forma o fundamento de todos os direitos, incluindo os direitos humanos elementares. A guerra pela ordem do mundo, que mata pessoas, é conduzida em prol da liberdade dos mercados, que igualmente mata pessoas e, com isso, também em prol dos direitos humanos, visto que estes não são imagináveis sem a forma do mercado. (KURZ, 2003, p. 8)

Quanto maior o padrão de produtividade exigido, maior a intensidade que as gentes se tornarão objeto de/para barbárie. Isto em um Mundo cada vez mais sem fronteiras para o capital, mas com regras explícitas sobre o direito de ir/vir das pessoas. O que podemos constatar ao analisarmos, por exemplo, o paradoxo presente na Declaração Universal dos Direitos Humanos, que (ainda) não conseguiu consolidar o compromisso ético e o respeito às alteridades dos países signatários. Infelizmente um acerbo desvelar da fragilidade dos Estados nacionais em lidarem com os anseios do sistema universal de poder.

O artigo XIII, que trata do direito “à liberdade de locomoção e residência dentro das fronteiras de cada Estado” e confere a “todo ser humano o direito de deixar qualquer país, inclusive o próprio, e a este regressar” (2009, p. 8) ilustra nossa conjectura. São milhares de gentes em situação de limbo territorial e identidade nacional perdida. Pessoas esquecidas à margem do sistema e confinadas em regiões que tautologicamente depõem contra o processo civilizatório ao negar o direito à dignidade civilizacional prometida com a democracia liberal de guerra e mercado.

Basta escutar no silencioso grito passado o repúdio daquilo que se repete no presente para se sentir o peso desta sina. É a metamorfose de seres destituídos de sonhos que vagam nas memórias de um tempo cada vez mais abstruso.

Nos campos da Flandres as papoilas brilham
Bem perfiladas pelos caminhos cintilam,
Marcando-nos o lugar; no firmamento
As cotovias voam por mais um momento,
Mal se ouvem, aqui, onde as armas atiram.
Nós somos os mortos. Há poucos dias
Vivíamos, sofriamos, trocávamos alegrias,
Amávamos e éramos amados, e agora morremos
Nos campos de Flandres.
Leve o inimigo as nossas rixas tardias:
Cai-nos das fracas mãos vazias
O archote; é vosso, ergam-no, serenos.
Se na nossa morte perderdes a fé que alumia
Não dormiremos, por mais que as papoilas brilhem
Nos campos da Flandres. (McCRAE, 2001, pp. 197-198)

Há *campos de Flandres* em toda reflexão sobre a humanidade perdida. Esse obstinado odor de sangue nas linhas gráficas do poeta que luta contra o esquecimento maculado pelo território capital. Assim evoca, no amanhã liberto dos grilhões do absoluto

totalitário, as classes na luta contra os pretextos ignóbeis para sustentação do fetichismo do mercado.

O problema, no entanto, se acentua com a experiência dos campos de concentração. Mais e mais pessoas - seres anteriormente considerados humanos - são obrigados a viver em lugares dantes antes inimagináveis. Em decorrência da dinâmica da irracionalização produtiva, passam de instrumentos de desumanização (resultado do trabalho forçado, resignado e embrutecedor) para refugos da civilização moderna nos atuais campos de refugiados espalhados pelo globo.

No final de 2022, **108,4 milhões de pessoas** em todo o mundo foram deslocadas à força em consequência de perseguições, conflitos, violência, violações de direitos humanos e acontecimentos que perturbaram gravemente a ordem pública. Isto representa um aumento de 19 milhões de pessoas em comparação com o final de 2021 - mais do que as populações do Equador, do Reino dos Países Baixos ou da Somália. É também o maior aumento de sempre entre anos. Mais de 1 em cada 74 pessoas na Terra foi forçada a fugir. (ACNUR, 2023, p. 1)

O aumento de expatriados - as vítimas da guerra de ordenamento mundial elaborada para tentar desviar o foco da iminente derrocada sistêmica - segue em exponencial.

O Número de refugiados em todo o mundo aumentou de 27,1 milhões em 2021 para 35,3 milhões no final de 2022, o maior aumento anual alguma vez registrado. O aumento deveu-se em grande parte aos refugiados ucranianos desde a invasão russa em 24 de fevereiro de 2022. No geral, 52% de todos os refugiados e demais pessoas necessitadas de proteção internacional são da República Árabe/Síria (6,5 milhões); da Ucrânia (5,7 milhões); e o Afeganistão (5,7 milhões). (Op. Cit., p. 2)

Seja nos Balcãs, no Corno da África ou mais recentemente no Oriente Médio, os Estados nacionais - sob efeito da decomposição social resultante da racionalidade empresarial em nível transnacional - reforçam sua função de gestores de uma crise na qual não conseguem salvaguardar a qualidade dos serviços públicos que deveriam ser universais.

Na periferia, juntamente com a maior parte da reprodução capitalista, os aparelhos de Estado dissolvem-se numa medida muito maior que o Estado nas metrópoles. Os serviços públicos desaparecem quase por completo, a administração capitula, os aparelhos repressivos asselvajam-se. O que resta são apenas pequenas ilhas da produtividade e da rentabilidade imersas num oceano de desorganização e miséria. (KURZ, 2015, p. 41).

Não é uma exclusividade de países a margem do poder global. Os componentes da Tríade (ver nota 12) sofrem com as adversidades da globalização capitalista. Um exemplo contundente é o déficit norte-americano que, ao final de 2023, será equivalente a 7% do seu PIB.

A dívida bruta dos Estados Unidos superou pela primeira vez a fasquia dos 33 bilhões de dólares, montante que equivale à soma do PIB das economias

da China, Japão, Alemanha, Índia e Reino Unido e supera os 250 mil dólares por cada família norte-americana (...) Um endividamento tão elevado vai abrandar o crescimento econômico, impulsionar o pagamento de juros a detentores estrangeiros de dívida dos EUA e representa um risco significativo para as perspectivas econômicas e orçamentais, além de representar um constrangimento para as decisões políticas. (CARREGUEIRO, 2023, pp. 8-9)

Essa realidade expõe as fissuras de um sistema que acentua a decomposição social e, por conseguinte, a supressão de elementos hostis à regra de valorização econômica incorporada ao Progresso. A migração descontrolada, neste contexto, é um fenômeno que não pode ser desvinculado do canto das sereias que os Estados nacionais e suas instituições se submeteram para ingressar no seleto “clubes dos países em desenvolvimento”. Surdos frente à angústia das gentes, os gestores do caos, tal como Ulisses modernos, infiltram-se na tempestade da crise e seguem impávidos para o naufrágio inevitável desta odisseia da valorização ilimitada.

Se lá longe se avista a paz, trata-se de um simulacro àqueles que perderam tudo - inclusive a esperança. A realidade, triste destino que compõe a barbárie da despossessão, é uma constante fuga de estados de exceção regulamentados para atender os anseios do capital globalizado.

Cerca de 14 milhões de crianças no Sudão precisam urgentemente de assistência humanitária. De acordo com o Unicef, muitas delas estão vivendo em “um estado de medo interminável, que inclui medo de serem mortas, feridas, recrutadas ou usadas por grupos armados”.

Os relatos de violência sexual relacionada a conflitos, incluindo estupros, têm sido numerosos. Com a intensificação dos combates nas últimas semanas em lugares como Cartum, Darfur e Cordofão, a preocupação é que as violações dos direitos das crianças continuem aumentando. Até agora, o UNICEF recebeu denúncias de mais de 3,1 mil violações graves, incluindo o assassinato e mutilação de menores.

A agência da ONU também alerta que cerca de 19 milhões de crianças no Sudão não conseguem retornar às salas de aula, tornando esta uma das piores crises educacionais do mundo. (NAÇÕES UNIDAS, 2023a, p. 1)

A decomposição social decorrente da inação política dos estados de exceção vigentes põe a prova os limites do processo civilizacional promovido pela democracia liberal de mercado.

O alto comissário da ONU para os Refugiados, Filippo Grandi, disse que “o foco do mundo agora é, com razão, na catástrofe humanitária em Gaza. Mas, globalmente, muitos conflitos estão se proliferando ou escalando, destruindo vidas inocentes e deslocando as pessoas”. Segundo ele, “a incapacidade da comunidade internacional de resolver ou prevenir conflitos está impulsionando o deslocamento e a miséria.”

Até o final de junho, 110 milhões de pessoas haviam sido deslocadas à força em todo o mundo, um aumento de 1,6 milhão em relação ao final de 2022. Mais da metade de todas as pessoas que são forçadas a fugir nunca

cruzam uma fronteira internacional. Nos três meses de junho até o final de setembro, o ACNUR estima que o número de deslocamentos forçados cresceu em 4 milhões, elevando o total para 114 milhões. Para Grandi, “à medida que assistimos ao desenrolar dos eventos em Gaza, Sudão e outros locais, a perspectiva de paz e soluções para refugiados e outras populações deslocadas pode parecer distante.” (NAÇÕES UNIDAS, 2023, p. 1) Grifos meus.

A exclusão de pessoas é um traço característico da história da modernização e, calcada na violência, um pressuposto do processo de acumulação do capital a partir dos séculos XVI e XVII. Inicialmente na abordagem de transição para criar força produtiva assalariada e destituída de qualquer outra fonte de riqueza que não os seus músculos, nervos e cérebros.

A ideologia oficial afirma que o grande poder de atração dos centros urbanos capitalistas e o incipiente trabalho industrial se deveram ao progresso civilizatório. As pessoas teriam reconhecido que poderiam encontrar melhores colocações nos marcos do novo modelo de produção e de vida. A realidade é bem outra. As pessoas foram socialmente desenraizadas e expulsas de suas terras (na Inglaterra, por exemplo, pela transformação de áreas de cultivo em latifúndios para a pastagem de ovelhas) num processo violento chamado por Marx de “acumulação primitiva”. (KURZ, 2015, p. 55)

Depois, já no limiar das grandes revoluções (séculos XVIII e XIX), as gentes não reconhecidas no processo de produção, circulação, distribuição e consumo de mercadorias foram expulsas dos centros de efervescência revolucionária para latitudes periféricas não negligenciadas pela constante “febre do capital”. Os chamados fluxos migratórios impostos e essencialmente ulteriores ao Progresso desigual do capital.

Esses fluxos migratórios para o ultramar foram provocados pela crise da modernização europeia nos inícios do capitalismo: pelo pauperismo e miséria absoluta, como consequência das guerras de modernização na formação dos Estados e nações europeias, mas também pela derrota burguesa de 1848 (...) No entanto, por um lado, os migrantes europeus encontravam de antemão elementos do capitalismo em toda parte e, por outro, carregavam consigo esses mesmos elementos na forma de sujeito burguês como produtor de mercadorias e sujeito monetário, sem que fossem conscientes disso. (Op. Cit., p. 56)

O “progresso”, dito civilizatório, nada mais foi do que o germinal de um processo de desumanização enredado na movimentação irracional de fluxos de dinheiro e mercadorias que consiste no atual sistema universal de dominação social. O capitalismo, que em resposta ao desejo de abertura e/ou descobrimento de novos mercados para externalizar os custos produtivos, buscava como ardil a contenção das iniciativas de participação e conscientização política da ascendente classe operária.

No entanto, a supra artimanha teve efeito reverso. O feitiço virou-se contra o feiticeiro. A pulverização¹³ do trabalho abstrato em hordas de migrantes espalhados pelo planeta,

¹³ Acentuando as diferenciações étnicas, raciais e de gênero como conclui Roswitha Scholz em “Marxismo - Feminismo

mesmo com o comprovado aumento da média de produtividade advinda do progresso científico e da inovação tecnológica, não impediu o declínio das taxas de crescimento econômico¹⁴. Muito pelo contrário, confirmou a intrínseca relação entre o processo migratório decorrente das guerras de ordenamento mundial e os três mais recentes estágios da crise estrutural do capital (a 3ª. Revolução Industrial, da microeletrônica em meados da década de 1980; a derrocada das *empresas.com*, no início do século XXI; e o esgotamento do financiamento habitacional nos Estados Unidos, deflagrado em 2008, que teve repercussão mundial e ficou conhecido como *crise dos subprimes*¹⁵).

Como saldo desta contabilidade macabra:

Em lugar de um sistema global de trabalho assalariado e valorização passa-se a um capitalismo insular: por toda a parte a reprodução capitalista encolhe em “ilhas” ou, melhor, em oásis de produtividade e rentabilidade, em torno dos quais surgem desertos econômicos. (Ibidem, p. 57)

Sob a égide do Totalitarismo absoluto, ordenado pelo estado de exceção que se tornou regra, a conscientização de classes não é condição suficiente para enfrentar a desproletarização, pois

O fato de que uma parte cada vez maior da humanidade se encontre em fuga é, ele próprio, uma expressão de que o sistema de trabalho assalariado e de produção de mercadorias está desabando e que não pode mais ser regulado politicamente. (KURZ, 2015, p. 68).

Sem a compreensão de que o aumento expressivo das migrações involuntárias, o contínuo deflagrar de guerras (para manter a distribuição e circulação do capital na forma dinheiro) e a desumanização da sociedade compõem o nexo causal da irracionalidade empresarial, qualquer ação voltada à supressão do sistema vigente será mais uma mal sucedida reforma do atual estado das coisas.

A GUIA DE CONCLUSÃO OU UM PONTO DE PARTIDA?

Se considerarmos a alusão de Kurz de que a modernidade somente será suplantada quando o sistema de produção social do capital também o for, estamos a afirmar que o esgotamento deste modelo resulta em saturação conjunta de ideologias, instituições e métodos de avaliação associados a uma maneira peculiar de interpretar o Mundo. Portanto, insuficientes para pensar em outro devir desvinculado da anomia social imposta pela lógica empresarial do capital que configura a modernidade. Assim, utilizando como

- Teoria Crítica hoje” (2022).

14 De acordo com o relatório “Perspectivas Econômicas Globais - 2023”, do Banco Mundial, “o crescimento global deve desacelerar significativamente em meio a altos níveis de inflação, políticas monetárias rígidas e condições de crédito mais restritivas. A possibilidade de uma turbulência mais generalizada no setor de serviços bancários e uma política monetária mais rígida pode resultar num crescimento global ainda mais enfraquecido, o que provocaria deslocamentos financeiros nos mercados emergentes e economias em desenvolvimento (EMDEs) mais vulneráveis”. Disponível em <https://www.worldbank.org/pt/publication/global-economic-prospects>.

15 Para ampliar o tema vale consultar “O enigma do capital e as crises do capitalismo” de David Harvey, publicado em 2011 pela editora Boitempo.

alegoria o percurso teórico proposto por Walter Benjamin - a interconexão entre o passado (reconstituição para apreender no presente as searas ocultas pela presunção do poder/ dominação) e o futuro (suplantar a sina do fetichismo da mercadoria) - poderemos apresentar uma possibilidade para (re)abertura da História, do metabolismo do capital para o social.

A conotação literária benjaminiana serve ao propósito de romper com os grilhões de uma história cultuada para estabilidade do sistema, pois

Em cada época é preciso tentar arrancar a transmissão da tradição ao conformismo que está na iminência de subjugar-la (...) o dom de atear ao passado a centelha da esperança pertence somente àquele historiador que está perpassado pela convicção de que também os mortos não estarão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso. E esse inimigo não tem cessado de vencer. (2020, p. 65)

Neste contexto, à guisa de conclusão ou ponto de partida, a derrocada do capitalismo poderá ser o resultado de nossa a) irracionalidade: que conduzirá à decomposição da humanidade em apátridas sem destino e enclausurados em campos de refúgio de uma mal que se consagra na barbárie; ou b) a realização da pós-modernidade através do assalto ao “fogo dos deuses” para que toda a gente possa, também, tornar-se deus e, tal como um Titã, ditar os rumos de sua própria história.

Em outras palavras, através da crítica e apreensão das categorias-chave que compõem o moderno sistema de produção social do capital (dinheiro, valor, justiça, Estado, mercado, ideologia, democracia, trabalho, mercadoria etc.) tomar consciência das limitações e contradições do capital para realizar esteticamente outro devir possível. Deste modo, mais uma vez aportado em Benjamin, entender que o estado de exceção que rege vidas (com poder de escolher quem pode viver ou deve morrer sob as regras do valor) não é a exceção, mas a regra. Portanto, o combate à barbárie é o pressuposto básico de/ para toda crítica da modernidade, o alter ego do capitalismo que impõe sua assinatura na dominação de corpos, mentes e espíritos.

O desafio está lançado. Se não quisermos perecer na barbárie retroalimentada pela irracionalidade capital, teremos que resgatar a nossa humanidade perdida entre os escombros de uma sociedade metamorfoseada em mercadoria.

Afinal, no íntimo de nossa existência nós sabemos que

Se o homem (*todas as gentes*) não é capaz de organizar a economia mundial de modo a satisfazer a necessidade de uma humanidade que está morrendo de fome e de tudo, que humanidade é essa? Nós, que enchemos a boca com a palavra “humanidade”, creio que ainda não chegamos a isso, não somos seres humanos. Talvez um dia consigamos sê-lo, mas não somos, falta muitíssimo. O espetáculo do mundo está aí, e é uma coisa de arrepiar. Vivemos ao lado de tudo que é negativo como se não tivesse nenhuma importância, a banalização do horror, a banalização da violência, da morte, principalmente se é a morte de outros, claro. É-nos indiferente que esteja morrendo gente em Sarajevo, e também não devemos falar só dessa cidade,

porque o mundo é um imenso Sarajevo (*Faixa de Gaza, Ucrânia, Burkina Faso, Somália, Sudão, Iêmen, Mianmar, Nigéria, Síria etc. etc. etc.*). Enquanto não despertar a consciência das pessoas, isso continuará assim. Porque muito do que se faz, se faz para manter todos nós na abulia, na falta de vontade, para diminuir nossa capacidade de intervenção cívica. (SARAMAGO, 2010, p. 146)

REFERÊNCIAS

ACNUR. Relatório Tendências Globais. Publicado em junho de 2023. Disponível em <https://www.unhcr.org/global-trends>. Acesso em 13 de novembro de 2024.

ANDERS, Günther. Teses para Era Atômica. Sopro: Planfleto Político Cultural, nº. 87,. Publicado em abril de 2013 pela editora Cultura e Barbárie. Disponível em www.culturaebarbarie.org/sopro/outros/anders.html#texto2.

ANDERS, Günther. La obsolescencia del hombre (volumen I): sobre el alma en la época de la segunda revolución industrial (traducción de Jüsep Monter Pérez). Madrid: Pre-Textos, 2011.

ARENDT, Hannah. Origens do Totalitarismo (tradução Roberto Raposo). São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

ARENDT, Hannah. Compreender: formação, exílio e totalitarismo (*ensaios*). Tradução Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

ARENDT, Hannah & McCarthy, Mary. Entre amigas: correspondência entre Hannah Arendt y Mary McCarthy (1949-1975). Barcelona: Lumen, 2006.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História. São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2020.

BANCO MUNDIAL. Perspectivas Econômicas Globais. Relatório publicado em junho de 2023. Disponível em <https://www.worldbank.org/pt/publication/global-economic-prospects>. Acesso em 14 de novembro de 2024.

BANCO MUNDIAL. Relatório para o Desenvolvimento Mundial (2022). Disponível em <https://www.worldbank.org/pt/publication/wdr2022>. Acesso em 07 de novembro de 2024.

BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de História (tradução de Adalberto Müller e Márcio Seligmann-Silva). São Paulo: Alameda Casa Editorial, 2020.

BENJAMIN, Walter. A modernidade (tradução de João Barrento). Porto: Assírio & Alvin, 2017.

CARREGUEIRO, Nuno. Montanha de dívida nos EUA preocupa, mas crise não está no horizonte. Economia, publicado em 15 de novembro de 2023. Disponível em <https://eco.sapo.pt/especiais/montanha-de-divida-nos-eua-preocupa-mas-crise-nao-esta-no-horizonte/>. Acesso em 10 de outubro de 2024.

GOETHE, Johann Wolfgang Von. Fausto (tradução Antônio Feliciano de Castilho). Rio de Janeiro: W. M. Jackson editores, 2003.

HOBSBAWM, Eric. A falência da democracia. Folha de S. Paulo, 09 de setembro de 2001, p. 15. Disponível em <http://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs0909200105.htm>. Acesso em 06 de dezembro de 2023.

JAPPE, Anselm. O mercado absurdo dos homens sem qualidades. In: KURZ, Robert. Os últimos combates. Petrópolis: Vozes, 1997, p. 7-12.

KURZ, Robert. Poder mundial e dinheiro mundial: crônicas do capitalismo em declínio (tradução Boaventura Antunes, Lumir Nahodil e André Villar Gomez). Rio de Janeiro: Consequência, 2015.

KURZ, Robert. Ler Marx! Os textos mais importantes de Karl Marx para o século XXI (tradução de Boaventura Antunes). Edição eletrônica publicada em 2018. Disponível em <https://www.marxists.org/portugues/kurz/2000/marx/index.htm>.

KURZ, Robert. O declínio da classe média (tradução de Luís Reppa). Folha de S. Paulo, 19 de setembro de 2004. Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1909200408.htm>.

KURZ, Robert. Paradoxo dos Direitos Humanos (tradução de Luis Repa). Folha de S. Paulo, 16 de março de 2003, p. 8 (Caderno MAIS!). Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1603200308.htm>. Acesso em 11 de outubro de 2024.

KURZ, Robert. A ignorância da sociedade do conhecimento (tradução de Marcelo Rondinelli). Folha de S. Paulo, 13 de janeiro de 2002, p. 11 (Caderno MAIS!). Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs1301200211.htm>. Acesso em 10 de novembro de 2024.

KURZ, Robert. Gênese do absolutismo de mercado (tradução de José Marcos Macedo). Folha de S. Paulo, 08 de junho de 1997, p. 3 (MAIS!). Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs080603.htm>. Acesso em 11 de novembro de 2024.

LEVI, Primo. Se isto é um homem (tradução de Simonetta cabrita Neto). Lisboa: Dom Quixote, 2020.

MARX, Karl. As lutas de classes na França: de 1848 a 1959 (tradução de Nélcio Schneider. São Paulo: Boitempo, 2012.

McCRAE, John. Nos campos da Flandres (tradução de Inês Pedrosa). In: FONSECA, Manuela & Outras (Organização). Lá longe, a paz. Porto: Edições Afrontamento, 2001, pp. 197-198.

NAÇÕES UNIDAS. Escalada de conflitos deixa mais de 4 milhões de deslocados nos últimos 3 meses. ONU News - Perspectiva Global Reportagens Humanas, 2023. Disponível em <https://news.un.org/pt/story/2023/10/1822422>. Acesso em 13 de outubro de 2024.

NAÇÕES UNIDAS. Mais de 200 dias de guerra no Sudão deixam crianças no limite, alerta UNICEF. ONU News - Perspectiva Global Reportagens Humanas, 2023a. Disponível em <https://news.un.org/pt/story/2023/11/1823027>. Acesso em 13 de dezembro de 2023.

NAÇÕES UNIDAS. Declaração Universal dos Direitos Humanos. Rio de Janeiro: UNIC - Centro de Informações das Nações Unidas no Brasil, 2009.

OXFAM. A Sobrevivência” do mais rico – por que é preciso tributar os super-ricos agora para combater as desigualdades. Relatório publicado em 16 de janeiro de 2023. Disponível em <https://www.oxfam.org.br/noticias/o-1-mais-rico-do-mundo-embolsou-quase-duas-vezes-a-riqueza-obtida-pelo-resto-do-mundo-nos-ultimos-dois-anos/>.

SARAMAGO, José. As palavras de Saramago: catálogo de reflexões pessoais, literárias e políticas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SCHOLZ, Roswitha. Marxismo - Feminismo - Teoria Crítica hoje ... e a Crítica da Dissociação-Valor (tradução de Boaventura Antunes). EXIT!, publicado em 27 de fevereiro de 2022. Disponível em www.obeco-online.org/roswitha_scholz39.htm. Acesso em 14 de outubro de 2024.